

TIC altera execução das atividades contabilísticas



HÉLIO SILVA
Consultor da Ordem dos
Contabilistas Certificados
(OCC)
comunicacao@occ.pt

As discontinuidades criadas pela crescente globalização, pelo aumento da volatilidade e da competitividade, assim como as mudanças demográficas e a explosão do conhecimento alteraram o clima empresarial presente, tornando-se cada vez mais evidente que não podemos antecipar com clareza o ambiente de amanhã. Estas mudanças ambientais contínuas têm vindo a forçar as empresas e os profissionais de diversas áreas a adaptar-se a uma abordagem estratégica adequada e a combinar os seus pontos fortes com as oportunidades conjunturais e até estruturais. Face a estas constantes alterações, as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) ganham destaque e encontram-se em todas as áreas das organizações.

Se até ao aparecimento da Covid-19 o investimento em TIC estava relegado essencialmente para empresas com alguma escala e elevada capacidade de investimento, a pandemia rapidamente se encarregou de massificar algumas ferramentas que até então estavam a ser utilizadas por um reduzido número de organizações. Se, por um lado, os profissionais de saúde foram o pulmão da saúde, os contabilistas foram sem sombra de dúvida o coração da economia, assegurando que os apoios chegavam não só às empresas como até aos próprios colaboradores dado

que estas não estavam preparadas para tal realidade.

Os recentes desenvolvimentos das TIC trouxeram mudanças significativas na execução das atividades contabilísticas e fiscais, proporcionando maiores ganhos de produtividade e eficiência, mudando inclusive o conceito físico de gabinete.

É muito fácil depreender que as TIC podem facilitar e estimular a ligação entre a contabilidade e a gestão financeira e a própria comunicação com o cliente, permitindo a criação de um sistema de informação integrado e mais ajustado às necessidades dos decisores. Obviamente, este avanço implica em primeiro lugar que o contabilista acompanhe as evoluções nesta área de conhecimento, em segundo, que tenha disponibilidade financeira para atender às necessidades de aquisição de ferramentas e serviços para tal.

Novos canais de informação

O desenvolvimento tecnológico tem criado novos canais de informação que podem influenciar a maneira como os utilizadores do sistema de informação tomam decisões. Com o atual nível de globalização, as empresas sentem cada vez mais a necessidade de serem competitivas para sobreviverem, pelo que as TIC representam, sem dúvida, uma ferramenta importante para a competitividade das organizações. Um sistema de contabilidade informatizado é capaz de lidar com dados financeiros de uma forma rápida, eficaz e eficiente, tendo a valiosa capacidade

de gerar *reports* imediatos sobre a informação pretendida da organização à distância de um clique.

Naquilo que é a realidade em concreto das empresas de contabilidade, estas apostam nas TIC sobretudo para diminuir o tempo de resposta aos seus clientes, tendo em vista a execução de operações em tempo real, recorrendo a *software* que lhes permita a integração de documentos *on time* e também a redução e eliminação de tarefas rotineiras.

Escritórios completamente virtualizados

Nos últimos anos começaram a surgir ferramentas que permitem agilizar os processos de mudança na contabilidade, dando origem a uma alteração do próprio perfil da empresa de contabilidade e do contabilista que trata essa mesma informação.

Hoje, assistimos a empresas de contabilidade com escritórios completamente virtualizados, pois a proliferação de *data centers* nacionais e internacionais veio dar lugar à prática de preços extremamente competitivos — foi precisamente este contexto que acelerou todo o desenvolvimento subsequente nesta área.

Substituir um servidor físico no nosso gabinete por um servidor virtual alojado num *data center* é bastante vantajoso, primeiro porque não temos de fazer um investimento avultado em *hardware*, segundo, podemos ir construindo o serviço à medida das necessidades, sendo que esta flexibilidade de dimensionamento seria muito mais difícil

num servidor convencional e bastante mais dispendioso também; em termos práticos, o servidor virtual pode crescer na mesma medida em que crescem as nossas necessidades.

Mas as vantagens de um VDC (*virtual data center*) não ficam por aqui, com a subscrição de um serviço deste género passamos também a dispor de um conjunto de vantagens inerentes a este serviço tecnológico, como redundância na internet, traduzindo-se num acesso ininterrupto aos dados e aplicações armazenadas, redundância na eletricidade e na própria segurança contra intrusões e na perda de dados. Este serviço elimina também a necessidade da subscrição de uma licença para o sistema operativo para o servidor, acaba com substituição recorrente de UPS (*uninterruptible power supply*), e até deixamos de pagar a conta da eletricidade, uma vez que esta está incluída no serviço.

Incremento dos níveis de segurança

Outro aspeto diferenciador neste tipo de serviço é o incremento dos níveis de segurança, sendo sobejamente conhecida a recorrência de ataques a gabinetes de contabilidade e a encriptação de dados que resulta destes dá muitas vezes origem a pedidos de resgate por avultadas quantias de criptomoedas para devolução de dados, sendo que nem sempre estes são devolvidos intactos.

Na última década assistimos ao surgimento de *softwares ERP-Enterprise Resource Planning*. Os ERP são sistemas de informação que permitem a sincronização e o controlo dos processos de uma empresa, em tempo real, por meio de tecnologia de informação avançada. São conjuntos de módulos pré-formados, integra-

Este serviço elimina também a necessidade da subscrição de uma licença para o sistema operativo para o servidor

dos e que abrangem quase todas as áreas de uma empresa. São padronizados, mas podem ser configurados para atender as necessidades específicas da empresa, podendo depois toda esta informação ter integração automática do lado da contabilidade.

No fundo, quando falamos de um ERP, falamos de uma solução integrada, em que o mesmo veículo produz informação para a empresa e para o cliente, e ao mesmo tempo para a contabilidade. Trabalhar num contexto como este acelera os processos, reduz o risco de erro e aumenta de forma exponencial os níveis de produtividade, sendo o seu principal entrave os preços elevados de aquisição e de implementação do sistema.

Um pouco à boleia dos *data center* e dos níveis de serviço globais que estes apresentam, o surgimento de novos *softwares* totalmente baseados em tecnologia *cloud* aconteceu quase de forma natural. Aos poucos, foi surgindo um conjunto de soluções, nomeadamente *softwares* de contabilidade e ERP totalmente na *web*. Este tipo de aplicações baseadas na nuvem registou em plena pandemia um crescimento bastante significativo, uma vez que estas soluções funcionam através de um simples browser com login de credenciação por utilizador, dispensando servidores e VPN.

A chegada deste tipo de serviço foi uma lufada de ar fresco para as empresas de contabilidade, primeiro porque deixou de ser necessário possuir o *hardware* mais robusto do

mercado, passando a poder utilizar um simples computador com acesso à internet ou até um mero *tablet*, segundo, porque permite que qualquer atualização fique disponível num simples refrescar de página, acabando com a inglória tarefa de passar a horas a fio a atualizar servidores e postos de trabalho. A terceira vantagem é que no *software cloud* a assistência normalmente é prestada pelo próprio produtor de *software*, eliminando os intermediários e consequentemente os custos de contexto.

A pandemia Covid-19 foi a tempestade perfeita para a massificação das aplicações em *cloud*, e todos aqueles que já utilizávamos soluções deste tipo continuámos a trabalhar com toda a normalidade. Ainda que geograficamente cada um estivesse no seu lar, de forma feliz ou infeliz, foi esta conjugação de fatores biológicos com ferramentas tecnológicas que acabou de vez com o mito de que temos de estar fisicamente presentes para que as equipas funcionem de forma organizada e eficiente. Atualmente, verifica-se um grande investimento por parte das empresas tecnológicas em realidade aumentada metaverso e provavelmente, num futuro não muito longínquo, conseguiremos reunir com os nossos clientes e colaboradores através de realidades simuladas digitalmente.

A tecnologia, os contabilistas e o fisco

E se até agora falámos das aplica-

ções como ferramentas para a contabilidade e para a gestão, não nos podemos esquecer que existe um terceiro objetivo, o reporte das declarações fiscais junto da Autoridade Tributária (AT), assim como da Segurança Social e demais entidades.

Estávamos em 2013, a recuperar da crise financeira, quando foi implementado o e-fatura, na altura os contabilistas ficaram horrorizados perante tamanha obrigatoriedade. Julgo que quase nenhum profissional de contabilidade estava de acordo com a sua implementação, sendo que mais velhos alegavam inclusive que o processo iria cair, e que não iria funcionar. Com a implementação do e-fatura sucedeu-se a comunicação dos documentos de transporte, dos inventários, o QR Code, o ATCUD, e a fatura eletrónica muito brevemente.

Fazendo uma retrospectiva, podemos facilmente concluir que por vezes até aquilo que começa mal-amado um dia pode ser venerado, o e-fatura é disso um exemplo, hoje basta o portal da AT estar indisponível por alguns minutos que as redes sociais se inundam de comentários dos contabilistas a reclamar que não conseguem aceder ao e-fatura, como se não existisse contabilidade para além do e-fatura.

Com 20 anos na profissão, não me lembro de a ver a evoluir tanto como desde a implementação deste sistema por parte da AT. Passámos a ter uma nova ferramenta de conferência do nosso trabalho, e rapidamente algumas *software house* perceberam do potencial do e-fatura para o desenvolvimento dos programas virados para a contabilidade, ao ponto de hoje o aproveitamento e cruzamento destas informações ser praticamente transversal a todos os *softwares*.

Inicialmente, as aplicações as-sentaram o desenvolvimento no *web scraping*, que é uma solução para quem quer ter acesso a dados estruturados da *web* de uma forma automatizada. A recolha dos dados do e-fatura é um exemplo desta tecnologia, é desenvolvido um “robot” que simula todos os passos de credenciação junto do portal e define os parâmetros de pesquisa de dados, sendo-nos devolvida a informação já de forma consolidada, tudo isto num simples clique.

Atualmente, percebendo, e bem, as necessidades de acesso e retorno de informação, a AT já disponibiliza alguns *webservice* para o envio de declarações como é caso da DP IVA e da Modelo 22.

Um *webservice* é um conjunto de métodos acedidos e invocados por outros programas utilizando tecnologias *web*, sendo utilizado para transferir dados através de protocolos de comunicação para diferentes plataformas, independentemente das linguagens de programação utilizadas nessas plataformas.

O *webservice* permite reutilizar sistemas já existentes numa organização e acrescentar-lhes novas funcionalidades sem que seja necessário criar um sistema a partir do zero. Assim, é possível melhorar os sistemas já existentes, integrando mais informação e novas funcionalidades de forma simples e rápida e muito mais segura que o *web scraping*.

Simplificação e modernização

A publicação do Decreto-Lei n.º 28/2019, de 15 de fevereiro, pretendia simplificar e modernizar a emissão de faturas, mas também combater a evasão fiscal. Estas novas regras, conforme a Portaria n.º 195/2020, publicada a 13 de agosto, estavam

inicialmente previstas para entrarem vigor em 2021, mas, com o cenário pandémico, duas medidas extremamente importantes foram sendo adiadas por despacho, o Código QR (ou QR Code), ATCUD (Código Único do Documento), sendo que o primeiro entrou em vigor no início do presente ano e o segundo, se não existirem alterações, vigorará a partir de 1 de Janeiro de 2023.

O QR Code é mais do que uma mera gravura num documento, a sua obrigatoriedade nos documentos com relevância fiscal veio revolucionar o contexto da eficiência contabilística, tanto do ponto de vista do registo contabilístico como do arquivo digital para efeitos fiscais, ao ponto de a grande maioria dos produtores de *software* já possuírem desenvolvimento em cima desta tecnologia. Até há bem pouco tempo a grande maioria dos *softwares* de arquivo digital estavam baseados na digitalização e leitura por OCR (*Optical Character Recognition*), tecnologia que permite reconhecer caracteres a partir de um arquivo de imagem ou mapa de bits, sejam eles digitalizados, escritos à mão, datilografados ou impressos. Esta tecnologia combinada com outras como a AI (Inteligência Artificial) permite extrair informações dos documentos e automatizar procedimentos. Fornecedores de eletricidade, comunicação, água e até o próprio serviço postal usam há muito esta tecnologia, que tem essencialmente dois contras: é extremamente dispendiosa, com preços nas dezenas ou centenas de milhares de euros, e sempre que um documento sofre alterações no seu *template*, o sistema tem de ser reajustado para permitir nova leitura de forma fiável. Estas constantes modificações tornam o sistema demasiado oneroso e apenas

exequível para empresas com alguma dimensão.

O QR Code (Quick Response) é um código de barras, ou barométrico, bidimensional, que pode ser facilmente lido usando a maioria dos telemóveis equipados com câmara, apresenta um nível de correção de erros muito elevado e muitas vezes pode ser lido ainda que danificado. A partir do momento em que os documentos fiscalmente relevantes passaram obrigatoriamente a disponibilizar este código, as empresas de *software* passaram a aproveitar esta obrigatoriedade para a leitura de dados como contribuintes, número de documento, data, valores e taxas de IVA. Esta obrigatoriedade imposta pela AT veio permitir massificar o uso do arquivo digital para efeitos fiscais, fazendo descer substancialmente o preço a pagar por este tipo de tecnologia, passando de dezenas de milhares de euros para centenas ou dezenas de euros, dependendo do tipo de solução necessária.

As empresas e gabinetes de contabilidade, que dispunham de um ERP com este tipo de tecnologia, conseguem acelerar os processos de registo contabilístico e de arquivo documental, relegando o próprio e-fatura para uma mera ferramenta de conferência, uma vez que estes sistemas permitem fazer um *match* entre a informação já registada na contabilidade e aquela que foi comunicada à AT através do e-fatura.

Comunicação com os clientes

Um aspeto igualmente importante na organização da contabilidade, e muitas vezes relegado para segundo plano, é a comunicação com os clientes e demais interlocutores, muitas soluções ERP contam também já com módulo CRM (*Custo-*

Para além de contabilistas, somos também gestores das nossas empresas e sem controlo de tempos e tarefas é praticamente impossível perceber o nível de eficiência das nossas empresas

mer Relationship Management). No fundo, o objetivo de uma aplicação deste tipo é gerir os processos e sistemas de gestão de relacionamento com os clientes e demais entidades permitindo que se tenha controlo e conhecimento das informações sobre os mesmos de forma integrada, principalmente através do acompanhamento e registo de todas as interações, que podem ser consultadas e comunicadas a diversas partes da empresa que necessitem desta informação para organizar as tomadas de decisão.

Atualmente, existem já CRM totalmente vocacionados para as empresas de contabilidade, sendo uma ferramenta essencial na organização do trabalho e nas relações de comunicação, este *software* permite criar e gerir mapas de obrigações fiscais, alertas para dentro e para fora da empresa, fazer controlo de correspondência, emitir de forma automática certidões nos portais das diversas entidades, enviar *emails* ou SMS, tudo centralizado dentro do espetro de um determinado cliente. Possuir informação consolidada por cliente permite que tenhamos real noção do dispêndio de tempo e da quantidade de tarefas que realizamos por cliente, sendo extremamente necessário o contabilista ter perceção destes números, pois, sendo um prestador de serviços, é importante perceber a rentabilidade por hora de cada cliente face à avença praticada.

Para além de contabilistas, so-

mos também gestores das nossas empresas e sem controlo de tempos e tarefas é praticamente impossível perceber o nível de eficiência das nossas empresas e a rentabilidade obtida em cada cliente, dificultando o crescimento sustentado. Quando começamos a usar ferramentas deste género e analisamos os dados obtidos, rapidamente percebemos que não existem clientes iguais e, como tal, também não podem existir avenças iguais.

Contabilidade em disrupção

As TIC modificaram completamente a forma como se desenvolve o processo contabilístico e fiscal, a tecnologia *cloud* veio para ficar, assim como a inteligência artificial, muitas das atuais aplicações existentes no mercado já incorporam tecnologias deste nível, não adianta permanecer numa posição de conforto, porque a contabilidade está claramente em disrupção e tem estado ao longo da última década. Ter uma visão do contabilista como mero processador de impostos é extremamente redutor, já o é agora e será mais ainda no futuro, onde o seu papel fundamental será o de contribuir para a tomada de decisões atempadas com base em informações disponíveis em tempo real, produzidas através dos diversos sistemas de informação que aqui falámos e com *reports* produzidos por ferramentas de *business intelligence*.